

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

A ESCOLA, A INTERNET E AS REDES SOCIAIS: POSSIBILIDADES DE DISCUSSÃO E PROTAGONISMO JUVENIL

Izandra Alves¹ (UPF/IFRS)
Michele Mendonça Rodrigues² (IFRS)

INTRODUÇÃO

Não podemos negar o grande alcance e utilização do “mundo digital” e das tecnologias de informação, principalmente as redes sociais, no meio escolar. Grande parte dos estudantes brasileiros têm acesso aos aparelhos móveis de tecnologia e utilizam estes instrumentos como algo que integra seu material escolar. Dessa forma, se a escola negar a existência ou proibir o uso desses instrumentos estará se afastando ainda mais dos estudantes e dos seus mundos, conforme discute o pesquisador Pierre Levy (1999).

Sabemos que o professor é capaz de atrair ou repelir seus alunos dependendo da forma que conduz sua disciplina. Assim, ao perceber essa nova geração pertencente à era digital, que vê na ubiquidade, como teoriza a pesquisadora Lúcia Santaella (2013), a forma de estar no mundo, precisa o educador também inserir-se nesse novo modelo, caso contrário, estará fadado ao isolamento acadêmico, ou seja, ficará com o “seu” saber sem ter com quem discutir e/ou apresentar e reconstruir.

Estar atento aos assuntos que interessam a essa nova geração de adolescentes e jovens é abrir-se a possibilidades de despertar novos leitores e pesquisadores a partir da internet. Isso porque está cada vez mais comprovado que hoje os alunos leem e escrevem muito, basta dar uma volta no pátio das escolas para vê-los digitando/interagindo em seus teclados, lendo e fazendo comentários nas redes sociais ou fazendo buscas sobre algo que sentiu curiosidade em conhecer. Assim, o professor, mediador e instigador de pesquisa pode aproveitar-se dos interesses dos jovens para

¹ Professora EBTT do IFRS, campus Feliz e doutoranda em Letras pela UPF, bolsista CAPES.

² Assistente Social no IFRS e membro da Assistência Estudantil do campus Feliz.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

desenvolver projetos que possam mobilizar tanto a escola como toda uma comunidade e contribuir para que seus alunos possam se ver como protagonistas de suas aprendizagens e construtores de saberes.

Por conta disso, no presente artigo, pretendemos mostrar o exemplo de uma atividade desenvolvida no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul campus Feliz que teve as redes sociais como um mecanismo propagador de pesquisas, discussões e ações concretas junto à comunidade local a partir de uma temática específica de interesse de um grupo de alunas e que se estendeu a toda a escola e à comunidade local. Trata-se de um evento no facebook criado por um grupo de estudantes do Ensino Médio da instituição que visou a discussão aberta à comunidade sobre uma temática polêmica que inundava as redes sociais naquele período: o machismo nosso de cada dia. O protagonismo juvenil que se construiu e firmou a partir dessa ação foi notável e digno de ser aplaudido e divulgado a fim de que muitas outras ações ocorram, ampliando, dessa forma, as discussões acerca de outras temáticas que os adolescentes anseiam e que a escola, quase sempre, abafa.

1. UBIQUIDADE E EDUCAÇÃO: UMA REALIDADE

A educação formal transmitida pela escola está cada vez mais desgastada e perdendo crédito. Basear-se unicamente nos saberes de livros didáticos e/ou de teorias afastadas das práticas não são mais suficientes para convencer a geração de novos estudantes que aí se apresenta. Ter o professor como o único responsável pela “transmissão” do saber em sala de aula mostra-se da mesma forma algo ultrapassado. A própria sala de aula nos moldes tradicionais – alunos perfilados olhando em direção a um quadro em branco que será preenchido pelo mestre – já não serve mais.

Mesmo que saibamos que, ao longo da história da educação, as instituições de ensino são formalmente consideradas como responsáveis pela formação acadêmica dos sujeitos, hoje, elas sofrem grandes influências externas e, portanto, precisam ser

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

remodeladas. Isso porque, com a difusão da tecnologia, com a crescente aceleração do mundo digital, e com a maior flexibilização ao acesso a estes veículos de informação, nota-se também que surgem novos comportamentos de aprendizagem e também de leitura. Se antes a aprendizagem era tarefa exclusiva da escola, hoje são infinitas as possibilidades de aquisição de conhecimentos a que se pode ter acesso, além das que ela viabiliza.

É notório que os estudantes de hoje têm muito mais acesso à informação, a diferentes manifestações culturais e a uma maior possibilidade de diálogo com o novo e o inusitado. É só observar seus comportamentos no pátio da escola para constatar isso. A grande maioria deles está com a atenção voltada aos aparelhos móveis que carregam consigo como acessório imprescindível. De uso desses instrumentos, fazem leituras, assistem a vídeos, jogam, conversam, manifestam suas opiniões nas redes sociais, enfim, seus mundos estão girando em eixos diferentes do que giram a sala de aula e a escola.

Diante dessa nova realidade tecnológica que se apresenta e que envolve diretamente a escola, pesquisadores de distintas áreas buscam formas de compreender esse momento histórico-cultural-tecnológico que os adolescentes e jovens estudantes estão inseridos. Tais estudos visam auxiliar os educadores a conhecer e melhor lidar com essa realidade.

Ao encontro dessa inserção do sujeito no mundo digital está a teoria da pesquisadora Lúcia Santaella (2013) que traça os perfis dos novos leitores diante das muitas possibilidades que a tecnologia abre hoje. Em texto em que ela expõe sobre os desafios da ubiquidade na educação levanta muitas discussões sobre o leitor e seu comportamento diante dos novos suportes de leitura.

A fim de analisar o perfil do leitor contemporâneo, aquele que vaga pela cidade e pelo mundo virtual das telas, é necessário, primeiramente, falar sobre aquele que Santaella (2003) chama de “leitor contemplativo”. Esse leitor, segundo a pesquisadora, surge no Renascimento, juntamente com a imprensa; ele se vê imerso em imagens

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

expositivas e fixas, pois assim é o mundo para ele naquele momento. Já o “leitor movente” é o resultado de um mundo urbano, ele circula pela *pólis* explorando tudo o que vê. Esse leitor surge juntamente com os jornais, com as imagens e códigos, com a fotografia; ele é fruto da revolução industrial e dos grandes centros urbanos. O terceiro tipo definido por Lúcia é o “leitor imersivo” que surge com o advento do computador e da internet. É imersivo porque adentra na rede de imagens e códigos virtuais ao mesmo tempo em que dialoga com diferentes textos; circula de uma tela a outra em busca de informações e conhecimentos e tem a liberdade de estabelecer, sozinho, a ordem de suas informações, conforme se apresentam/sobrepõem em sua tela. Por fim, o “leitor ubíquo” é aquele denominado pela autora como sendo o que navega através das redes sociais e de informação. É aquele que busca, comenta e que dá a informação. É sujeito ativo no processo de comunicação porque é ao mesmo tempo movente e imersivo; é capaz de circular pela cidade enquanto lê e dialoga no mundo virtual através de um dispositivo móvel. É, portanto, este o perfil do leitor da atualidade que Santaella (2013) apresenta e aponta como sendo o que chega à escola à espera das “novidades” que o professor tem a lhe apresentar. A instituição escolar e seus professores estão preparados para receber e trabalhar com este tipo de aluno-leitor?

2.ESCOLA MAIS INTERNET IGUAL A PROTAGONISMO JUVENIL: UMA EXPERIÊNCIA

Se somos sabedores e testemunhas de que a aquisição/construção do conhecimento não ocorre mais da mesma maneira que há vinte anos atrás, também não se pode mais falar (ensinar?) em leitura e escrita/produção textual do mesmo modo como que se fazia há anos atrás. Muitos são os desafios que são impostos à escola e aos professores de Língua Portuguesa hoje, tanto no que diz respeito a novas formas de conceber a escrita, como também no que se refere à valorização dos conhecimentos prévios do aluno e à manifestação de diferentes opiniões sobre a mesma temática que

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

surtem a cada novo assunto polêmico que “cai na rede” (e são muitos!!!!). As novas tecnologias estão inundando o espaço escolar e não se pode mais ignorar sua existência e sua interferência no cotidiano de sala de aula.

Assim, vê-se urgente a busca de estratégias por parte do professor a fim de alcançar os objetivos a que se propõe. Para tanto, é fundamental, que, primeiramente, o professor seja incentivado a tornar-se um motivador/animador da inteligência coletiva de seus alunos ao invés de representar apenas a imagem de fornecedor direto de conhecimentos. No entanto, ele deve ser possuidor de habilidades leitoras competentes, pois, assim como no texto linear/impresso, o hipertexto exige a participação ativa do leitor na construção do sentido. Assim, tendo o domínio da técnica, será ele capaz de orientar seus alunos e com eles aprender ainda mais, pois no ciberespaço o texto se apresenta fragmentado e cabe ao leitor, explorar o conjunto de opções disponibilizadas pelos *links* e construir uma conexão coerente entre elas.

Como forma de ilustrar as reflexões feitas acerca da contribuição da escola e do professor na aprendizagem, mostraremos que é possível, sim, impulsionar o protagonismo juvenil no meio escolar com o auxílio da internet. Quando a escola e os membros que a constitui acreditam nessa aprendizagem ubíqua de que fala Santaella (2013) é possível despertar o interesse do estudante em estar naquele espaço. Dessa forma, queremos compartilhar uma experiência protagonizada por meninas estudantes de Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, campus Feliz, que trouxeram das redes sociais a pauta das discussões para dentro da escola, e dela para a comunidade local.

Ainda no mês de março de 2016, por virtude das redes sociais se ocuparem do polêmico assunto do uso do shortinho na escola (em uma escola de Porto Alegre estudantes do Colégio Anchieta, um dos mais tradicionais da capital gaúcha, protestaram e lançaram um manifesto em defesa do uso do shortinho e contestando o machismo a que eram submetidas diariamente pela sociedade), enquanto professora de Língua Portuguesa, propus o estudo do assunto a partir de diferentes leituras e

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

posicionamentos acerca dessa temática com duas turmas de primeiro ano do Ensino Médio. Notamos que os alunos buscaram os textos/informações em diferentes fontes que variaram desde páginas de jornais online da capital, até textos mais aprofundados sobre o feminismo em blogs e sites que discutem essas questões, além, ainda, de visualizar inúmeras postagens em redes sociais como facebook e whatsapp.

É, portanto, em situações como esta, que se evidencia que o uso das mídias digitais não pode ser visto como algo distante e avesso ao ambiente escolar, mas sim, intrínseco a ele e extremamente necessário à formação integral do ser humano enquanto cidadão inserido no mundo contemporâneo. Nesse sentido, o pesquisador Pierre Lévy (1999) aborda o tema falando da existência do que ele chama de “mutação contemporânea da relação com o saber” (LÉVY, 1999, p. 157), ou seja, o que se constata hoje ao se referir em aquisição/construção de conhecimentos através dos bancos escolares é que as informações adquiridas durante o percurso da formação acadêmica/profissional estarão obsoletas ao final. Outra constatação feita pelo autor diz respeito ao novo caráter assumido pelo trabalho; trabalhar hoje ganha uma nova dimensão, pois se refere também a crescer, aprender inovar e, principalmente, construir conhecimento. Nesse sentido, a pura reprodução de saberes e fórmulas não bastam mais. Há, ainda, mais uma constatação levantada por Lévy (1999): o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais até então somente aceitas como funções cognitivas humanas, como por exemplo, a memória, a imaginação, a percepção, o raciocínio. Tal aproximação se dá, porque através das tecnologias digitais é possível ter novas formas de acesso à informação e isso contribui para que se percebam novos estilos de raciocínio e conhecimento o que aumenta o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos.

Por acreditar e apostar nessa inteligência coletiva é que foram abertas as discussões sobre o machismo e suas proibições a partir das leituras que fizeram em distintas fontes. Realizamos debates acaloradas sobre o assunto, abrangendo agora, as situações mais próximas de suas vivências. Constatamos que a discriminação e o preconceito para com as mulheres de nosso meio é, também, muito grande. Então,

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

lançamos a seguinte frase que deveria ser completada por eles com base nas discussões que havíamos feito: “Não me considero machista, mas...”. O resultado foi surpreendente para eles, pois puderam perceber o machismo enrustido nas pequenas ações. Surgiram escritos como: “Não se considera machista, mas obriga a filha a sair ‘bem vestida’ de casa porque não quer ver os outros olhando para ela”. “Não se considera machista, mas repara em todas as roupas que as mulheres usam, sexualizando assim os seus corpos”. “Não se considera machista, mas assobia para ‘a gostos’ na rua só porque ela está usando decote”. “Não se considera machista, mas dá ordens para a esposa como se fosse o dono dela”. “Não se considera machista, mas diz frequentemente: mulher no volante, perigo constante”. “Não se considera machista, mas não acredita em amizade entre homem e mulher”. “Não se considera machista, mas os presentes que dá para as meninas são apenas bonecas e casinhas”. “Não se considera machista, mas diz que mulher só sabe ‘jogar de suporte’.

Essas produções dos alunos foram fixadas nas portas internas dos banheiros da escola com o intuito de instigar uma leitura provocativa e individual a fim de que cada um pudesse refletir sobre a temática. Essa semente lançada germinou e, dois meses depois, com a divulgação em rede nacional através de diferentes fontes de informação - principalmente as veiculadas nas redes sociais - do estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro, um grupo de meninas da instituição decidiu agir e levar para além dos muros da escola essa discussão que julgaram ser tão necessária para o momento. Através de um debate instigante que se iniciou em um grupo do aplicativo “whatsapp”, do qual fazem parte as alunas, alguns professores e as integrantes da Assistência Estudantil da instituição, as jovens organizaram – em quatro dias - um evento no facebook chamado “Precisamos falar sobre o machismo”.

As jovens protagonistas dessa ação convidaram pessoas de seus contatos e marcaram para encontrarem-se na praça central da cidade no final da tarde de uma gelada terça-feira de junho quando se propunham a conversar, debater, trocar informações sobre o “machismo nosso de cada dia”. Durante esses quatro dias de

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

organização do evento, elas arrecadaram doações espontâneas em dinheiro de seus colegas, familiares e dos funcionários da instituição para realizar a impressão das frases elaboradas pelos colegas dos primeiros anos a fim de fixá-las nas ruas e/ou estabelecimentos comerciais da cidade. A rapidez com que tudo aconteceu vem ao encontro do que Santaella discute quando afirma que

o treinamento sensório, perceptivo e mental, que o acesso contínuo a essas mídias produz, traz como consequência inevitável que esses sujeitos aprendam de modo muito distinto daquele em que foram formadas as gerações anteriores, pois são desenvolvidas novas expectativas de liberdade, flexibilidade em relação ao momento e ao local da prática, uma necessidade de instantaneidade que se opõe às práticas culturais tradicionais, dependentes de um longo tempo como aquele exigido pela leitura de livros e jornais. (SANTAELLA, 2013, p. 09)

O tempo urge e o que é novidade agora, deixará de ser daqui a pouco. As necessidades da juventude não podem esperar. O que eles anseiam é serem vistos e fazer parte de seu momento histórico de modo ativo e urgente. Por conta dessa necessidade de urgência que têm os jovens para resolverem suas vidas, as redes sociais são, hoje, os principais mecanismos que dão conta disso. Assim, a escola não pode ignorar esse fato.

Por conta dessa necessidade de instantaneidade de que fala Santaella (2013), o evento criado pelas garotas foi a solução encontrada por elas para que tudo ocorresse rapidamente, antes que o assunto – o estupro coletivo, no caso – fosse deixado de lado, porque logo surgiria outra polêmica – característica própria do mundo virtual. Dessa forma, as discussões já ocorriam muito antes do encontro físico do grupo que havia confirmado a presença no evento da praça.

Nas postagens que ocorreram na página do facebook, novas informações e denúncias de atos de machismo chegavam com frequência. As postagens de vídeos do youtube, de letras de músicas e/ou simplesmente textos escritos em blogs foram os pontos de partida para as discussões que tiveram início “na nuvem”, ocuparam a praça e

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

ganharam as ruas da pacata cidade, que olhava com desconfiança para os cartazes que foram fixados pelos participantes, agora, ainda mais empoderados do que antes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode constatar durante aproximadamente uma semana – que foi o tempo total que envolveu as discussões em um pequeno grupo de whatsapp até ganhar uma proporção muito maior que foi as ruas da cidade – é que a juventude está aí, pronta para agir e ser protagonista, a seu modo, de suas vidas e da sua história. Quem talvez não esteja preparado para aceitar isso seja a escola que quase sempre abafa os interesses de seus estudantes por conta da velha desculpa de seguir o “currículo”. O que foi possível perceber nas discussões das postagens que surgiram na página do evento criado pelas garotas é que elas estão dispostas a falar sobre esse assunto, sem medo das restrições, dos julgamentos e das punições que por ventura a sociedade possa lhes proferir.

O que se nota nitidamente nas falas das participantes da atividade é que o protagonismo que essa ação desencadeou certamente será o impulso que faltava para que muitas outras ações de diferentes temáticas polêmicas possam ser criadas e levadas para fora das redes. Mesmo o fato de não ganharem a simpatia da maioria das pessoas que visualizaram os cartazes, isso não as perturbou, pelo contrário, fizeram-nas ver que é preciso agir ainda mais firme e insistentemente.

Assim, confirmamos as teorias de Santaella (2013) que diz que esses novos leitores que se manifestam nas redes sociais são, também, sujeitos capazes de construir suas histórias reais. A ubiquidade possibilita a essa nova geração participar de inúmeras ações e emitir opinião mesmo que na nuvem. As características dos leitores contemplativos, dos imersivos e dos moventes podem ser perfeitamente agregadas às dos leitores que vivem na era da ubiquidade e, assim, unir o que já possuem a uma

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

maior flexibilidade em suas leituras além de ganharem na velocidade e no acesso aberto à informação.

A roda de conversa que ocorreu na praça central da interiorana Feliz, ao entardecer de um dia de inverno, que contou com a participação de um significativo grupo composto por homens e mulheres que traziam seus depoimentos, suas angústias, suas reflexões, acendeu uma centelha de uma cálida luz em um caminho ainda muito escuro que temos, diariamente, que percorrer. O protagonismo dessas meninas que se mobilizaram em torno de uma inquietação comum e que mobilizaram toda uma comunidade, mostra que a educação pode, ainda, ser o caminho para a libertação do sujeito.

Referências

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*; tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. Os desafios da ubiquidade para a educação. *Revista Ensino Superior Unicamp*. Campinas. 04.04.2013. Disponível em <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>> Acesso em 28.09.2016.